



VIII

Oitava Carta (*Vida poética*)

EPIFANIA DO SENHOR ou SOLENIDADE DOS REIS MAGOS, 7 de Janeiro de 2007

LITURGIA DA PALAVRA (Ano C):

Leitura I: *Is 60, 1-6: «Brilha sobre ti a glória do Senhor.»*

Salmo 71 (72): *«Virão adorar-Vós Senhor, todos os povos da terra.»*

Leitura II: *Ef 3,2-3a.5-6: «Os gentios recebem a mesma herança prometida.»*

Evangelho: *Mt 2,1-12: «Viemos do Oriente adorar o Rei.»*

VERSÍCULO ESCOLHIDO:

Mt 2,2 do Evangelho (Os Magos do Oriente): «Onde está – perguntaram eles – o rei dos Judeus que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l'O.»

Querida Nayma

Tenho-te visto tão cansada esta semana que ainda hesito quanto ao teor e à extensão desta carta. Mais do que cansada vejo-te agravada em trabalho, em solicitações e pequenas dispersões, tudo coisas nada importantes mas pouco dadas à escolha do crivo da ponderação. Olha, seria bom que ponderasses tudo o que te solicitam, ainda que debaixo de bem intencionados motivos e honestas finalidades. As grandes finalidades, raramente as vemos realizadas, e talvez felizmente. Por isso tanto nos devem interessar os meios que é onde estamos quase sempre... Nenhuma forma de terror é aceitável como meio para atingir supostas finalidades justas.

Digo-te estas coisas porque o Natal é uma altura excelente para aprendermos a apagar tanta luzinha eléctrica nos nossos presépios pessoais. Toda essa panóplia de artifício é bem o reflexo da vida eclética e misturada que levamos. As luzes feéricas não se dão com o musgo. Apaga essas luzes para poderes ver a Luz. Medita através das palavras dos Reis Magos: *«Onde está (...) o rei (...) que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l'O.»* Estes três reis vieram dizer-nos que já temos um rei, o verdadeiro e único *Rei*, e por isso lhe trouxeram *ouro*; e também que *ele* é o *sumo-sacerdote* por excelência pela Ordem de Melquisedec e levaram-lhe *incenso*; pela oferenda da *mirra* assinalaram o quanto *ele* é imortal e perfeitamente



divino. Não pode haver luz eléctrica por perto da luz própria de tão alta simbólica. Repara bem, Nayma. Olha com toda a tua atenção para o interior da Gruta, esse útero espiritual da terra. Os Reis Magos entraram agora nela para adorarem a Luz do mundo, a Encarnação do Criador, *aquele* que é «*Consubstancial ao Pai*» e «*por quem todas as coisas foram feitas*».

Escuta bem Nayma: deixa todas as tarefas que te enchem os dias e pára. Ajoelha e curva-te perante essa Luz esplendorosa do Presépio que agora estás descobrindo. Cobre-te sob a doce escuridão do silêncio para que escutes a Luz, ela que nasce de uma voz íntima que faz ver. Todos estes gestos de veneração ultrapassam os modernos fantasmas imediatistas que receiam a suposta sujeição a uma religião do passado, antes é o corpo que assim te conduz à Verdade, minh'Alma, ao verdadeiro sacrário da existência. Dobra-te e aproxima-te da terra na qual se abre a Gruta. Quando assim veneras, amas por identificação algo que vive em ti e contudo te supera. Tu ajoelhas e cresces, tu dobras-te e elevas-te. Tens contigo um Rei, Nayma, que te convida a entrar no *seu* reino. Esta gruta na terra é a antecâmara do *seu* Palácio nos Céus.

Não sei como explicar-te tamanha simplicidade mas digo-te já num repente: para entrares no Reino de Deus basta que tenhas uma vida poética. Vive poeticamente!

Não! Sei no que pensas mas nada disto se parece com salamaleques pseudo intelectuais. Apaga também essas luzes! Nem, evidentemente, isto se aproxima das grosserias com que os ignorantes aviltam a poesia ou da cegueira com que os incrédulos a desprezam. Claro que para se ter uma vida poética muito ajuda ler versos, brancos ou não, mas isso só por si está longe de ser bastante. Mas lê, lê devagar os versos dos poetas. Podem ser de Camões ou de Teixeira de Pascoaes, de Pessoa ou de Régio, sei lá, também os de Goethe, de Dante, de Novalis, tens tanta gente à tua escolha nesse rol dos antigos e dos modernos esquecidos, esses que muitos de nós, ignorando-os, fingem admirar. Mas também chegarás ao território próximo do Reino se procurares a companhia de Agostinho da Silva, esse poeta em prosa que tanto desejava ver os portugueses à solta, ou te juntares a António Telmo, ele que tão subtil e profundamente nos desbrava os horizontes da filosofia poética.

Viver poeticamente é nunca deixar de procurar Deus no mundo. Aparentemente não *o* encontramos, a não ser que *se* nos revele de surpresa em *sua* infinita graça, *ele* que é a liberdade em potência e acto. Mesmo assim guarda modos encantadores e subtis para vir até nós. A *sua* luz não se fechou na gruta do Presépio. Olha, Nayma, lembras-te quando há poucos meses fui numa certa manhã a Évora? Dei com aquele episódio de uma mãe apressada a descer do seu jipe para deixar o seu filhinho no infantário. Eu que passava, assisti ao que não deixa de ser uma banalidade dos nossos dias: a dor aflita e mal disfarçada no rosto daquela mãe, enquanto o choro inconsolável do filho lhe gritava em acusação toda a incompreensão possível, e gritava a pulmões cheios desde o colo de uma qualquer educadora da creche